

Carlos Teixeira Mendes

NASCEU PARA A AGRICULTURA, VIVEU PELA AGRICULTURA
E MORREU NA AGRICULTURA

S. DE TOLEDO PIZA

Poucos são os homens cujo destino se cumpre integralmente. Nascer para uma obra, viver tóda uma vida pela realização dessa obra e morrer em plena atividade realizadora, é cousa que quase ninguém consegue. Alcançou-a, porém, Carlos Teixeira Mendes.

Aluno dos mais distintos que já passaram pelos bancos da “Luiz de Queiroz”, saiu para a vida com uma soma de conhecimentos gerais que lhe permitiram exercer qualquer das atividades inerentes à profissão que abraçara. Tentou alguma cousa. Colocou-se na Sorocabana, indo trabalhar numa das fazendas daquela Companhia, em Itatinga. Trabalhando com afinco, logo conquistou a admiração e a amizade dos seus chefes. Pensou tivesse acertado na escolha de uma carreira. Desde cedo, porém, sentiu que havia errado. Com grandes pendorres inatos para o estudo, achava falta dos livros. Era preciso regressar. Conhecendo o panorama desolador da agricultura nacional, que se encontrava em plena fase do “plantar e colher”, sentiu em tóda a sua grandeza o problema agrônômico do Estado de S. Paulo: o café devastando as matas e só produzindo aquilo que as condições naturais permitiam, a erosão esterilizando o solo e os cruzamentos descontrolados abastardando as culturas e transformando-as numa coleção heterogênea de plantas raquíticas em que predominavam os maus indivíduos.

Como seria interessante — pensava o jovem agrônomo cheio de ideais — se o lavrador compreendesse que as plan-

tas são como a gente, que elas também “comem” e têm preferências, vejetando bem neste solo, mal naquele, “engordando” ou “emagrecendo” conforme a dieta que encontram na terra em que foram semeadas! Como seria bom se o agricultor aprendesse que embora a terra não possua tudo o que a planta requer, muitos alimentos lhe poderão ser levados de outras fontes! Se o lavrador soubesse que a riqueza do solo se encontra à superfície e as chuvas, em que êle deposita as suas maiores esperanças, são muito mais nocivas que benéficas quando escorrem pela encosta, arrastando na enchurrada aquilo que não se pode ver mas que se vai logo sentir, a fertilidade da terra! Se o homem do campo aprendesse que as plantas têm pai e mãe como êle próprio, e como êle procriam, e que há uma cousa chamada hereditariedade, segundo a qual os atributos, bons ou maus, vão passando de pais a filhos e que existem meios de orientar os acasalamentos no sentido de propagar as boas qualidades e impedir o desenvolvimento das qualidades indesejáveis! Como tudo seria diferente!

Estava traçado um programa. Programa para tôda uma existência. Urgia não perder tempo. Sim, era verdade. Grandes problemas precisavam ser atacados imediatamente. Mas onde? — Na Escola Agrícola “Luiz de Queiroz”! E começou a pensar em campos de experiências, adubações, melhora-mento de plantas, combate à erosão... E enquanto pensava em tudo isso, sem o perceber, como que impellido pelo seu próprio destino, pouco mais de dois anos após a sua formatura, ingressa, na então Escola Agrícola Prática, no mês de Fevereiro do ano de 1911, como adjunto da 4a. Cadeira, isto é, da Cadeira de Agricultura Especial. Depois de uma curta passagem pela Cadeira de Química Mineral e Orgânica, na qual adquiriu os conhecimentos que constituíram os alicerces da obra que iria realizar e após um curso de aperfeiçoamento, por conta do Governo, na França e na Inglaterra, como prêmio aos seus esforços e à sua dedicação aos estudos, reingressa o jovem agrônomo na “Luiz de Queiroz”, em Fevereiro de 1915, desta vez na qualidade de professor auxiliar daquela mesma cadeira de Agricultura.



A mesa de trabalho do Prof. Carlos Teixeira Mendes, no seu laboratório, na E. S. de Agricultura "Luiz de Queiroz", tal como êle a deixou na véspera do seu falecimento

Trabalhou e estudou desesperadamente e dois anos após, num concurso que marcou época nos anais da Escola, conquistada, com brilhantismo, a cátedra, mais como um meio de trabalho, do que como uma posição de invejável destaque. E assim passa a fazer parte do corpo docente da Escola Agrícola, pelas portas do concurso, o primeiro portador de um diploma de agrônomo conferido por aquela Escola. E com isso iniciase a nacionalização do ensino agrônômico em nosso Estado e provavelmente em todo o Brasil.

De fato, o ano de 1917, marca, com a entrada de Carlos Teixeira Mendes para a cátedra de Agricultura, o começo de uma importante era: a era da agriculturação do país. É verdade que a agricultura já existia entre nós e já era ensinada antes dele. Mas existia simplesmente como arte de explorar a terra por intermédio da planta, sugando-a através de uma

verdadeira sangria que a debilitava, sem que jamais se cuidasse de devolver-lhe, sob qualquer forma, os elementos que lhe eram roubados. Era ensinada, sim, por mestres estrangeiros, que desconheciam as exigências das nossas plantas e as possibilidades dos nossos solos.

Antes de Carlos Teixeira Mendes, o lavrador procurava instalar-se, como os seus antepassados, nas glebas roxas, cujas virtudes conhecia da tradição. Derrubava as matas que espontaneamente as cobriam e nelas plantava o café. Não havia distinção entre boas e más sementes. A terra era forte e o braço fácil. Era só explorá-los. Quando a terra enfraquecia, novas derrubadas. Ninguém falava em adubos. E o milho, e o algodão, e o feijão, e a cana, e os pastos, eram plantados a esmo. Era tudo ao Deus-dará. Se a terra prestasse, o produto viria, garantido.

Era preciso pôr um paradeiro nesse estado de cousas. E Carlos Mendes resolveu ensinar. Mas como? Ninguém sabia nada de cousa alguma. As propriedades físicas do solo, a composição química das terras, as qualidades nutritivas dos adubos, as virtudes da matéria orgânica, a melhor época de plantar e de colhêr, as possibilidades hereditárias das sementes e tantas e tantas outras cousas que os professores europêus ensinavam no mais completo desconhecimento das nossas condições, eram inteiramente ignoradas dos cultivadores da terra.

Quanto deve ter labutado e sofrido o idealista patriótico que resolveu enfrentar tão magnos quão intrincados problemas! Escola nova, laboratórios pobres, instalações deficientes, bibliografia escassa, verbas acanhadas e sobretudo, o preconceito e a tradição. Ambiente na verdade pouco encorajador. A vontade, porém, era dessas que não reconhecem barreiras. E Carlos Teixeira Mendes começou. Começou modestamente. Instalou o seu primeiro canteiro de experiências e pôs a funcionar a sua balança, o seu cadinho, a sua retorta. Passava as manhãs no campo, as tardes no laboratório e as noites no meio dos seus livros. Os seus cadernos de notas foram-se enchendo, os dados se acumulando e os primeiros resultados aparecendo. Embora possuísse um assistente e um servente que muito o ajudavam, fazia quase tudo com as suas próprias mãos; mon-

tava os aparelhos, lavava o vasilhame, preparava os reativos, titulava as soluções e analisava sem parar, numa faina que atravessou anos. Analisava as terras, os adubos e os produtos daquilo que costumava chamar o seu campo de experiências, mas que na realidade não passava de um mero e insignificante canteiro.

Não sei de outro pesquisador que tenha trabalhado tanto. Duvido que alguém o tenha superado no número de pesagens que executou. A sua figura, sentado diante de uma balança de precisão, pesando e registrando os dados, chegou a tornar-se simbólica. Enquanto as soluções evaporavam, enquanto as retortas borbulhavam, enquanto os filtros filtravam, Carlos Mendes pesava... Pesava meticulosamente. Quem quisesse encontrá-lo durante o dia, era só procurá-lo na sua balança. Respondia ao cumprimento sem olhar para a gente, concluía a pesagem, passava o resultado para aquêlê caderno que nunca saía dali, descia cuidadosamente o vidro da balança, e só então voltava a olhar. A todos atendia com bondade. Não, não era incômodo, ali estava para servir... Era um aluno que queria um conselho, um agrônomo que viera de longe para consultá-lo, um colega que buscava uma orientação ou desejava uma palavra de crítica. Terminada a visita, que costumava durar pouco, virava-se para a balança, levantava o vidro com o mesmo cuidado com que o havia baixado e de novo punha-se a pesar... Dizem que Thomas Morgan notabilizou-se pelo número de mósca que examinou. Carlos Teixeira Mendes notabilizou-se não menos pelo número de pesagens que realizou.

A "turma" de camaradas que trabalhava em seu "campo de experiências" compunha-se de um único homem. Carlos Mendes, porém, ali estava tôdas as manhãs orientando o seu operário e estimulando-o com a sua presença. Fora das horas destinadas ao campo, jamais deixou de passar pelas imediações, que não fizesse parar o seu trolí para uma espiadela. E quando chegava a época da colheita, lá estava Carlos Mendes, e o seu assistente, e o seu servente, e o seu camarada, a colhêr e a pesar escrupulosamente o produto a ser transportado para o laboratório.

Na cátedra brilhou como poucos o Professor Carlos Teixeira Mendes. Dotado de grande e variada cultura, conhecendo bem a química, a geologia, a genética, as finanças e a economia, inegualável na facilidade com que expunha o seu pensamento, eloquente e fluente, era um prazer ouvi-lo discorrer, com aquêlo entusiasmo que era bem seu, sôbre os assuntos da sua especialidade.

As suas aulas sempre foram das mais frequentadas, mesmo depois que a frequência se tornou livre na Escola. A matéria era melhorada todos os anos com os ensinamentos colhidos da sua continuada experimentação. Grande estudioso, trazia o seu curso sempre em dia. Não havia progresso no domínio das ciências agrícolas, que ignorasse. Extremamente modesto, procurava os colegas para se esclarecer nos assuntos que se afastavam pela sua natureza daqueles que constituíam a sua preocupação habitual. E assim, não havia o que não soubesse. O conhecimento, para êle, era uma cousa natural. Achava que todos sabiam e não ostentava o seu próprio saber. *Docti nunquam se jactant*. Ótimo expositor, orador elegante e de muitos recursos, dicção perfeita, só falava na cátedra. Dizia-se incapaz de fazer uma conferência e ainda mais, de proferir um discurso. E no entanto, nas poucas vezes que as circunstâncias o arrastaram a falar em público, salu-se com o mesmo desembaraço e o mesmo brilhantismo com que proferia as suas memoráveis aulas.

A sua modéstia chegava mesmo a ser excessiva. Ao preparar o seu currículo para o Anuário da Universidade (1934-935), dá apenas cinco trabalhos e declara: "Além de várias teses apresentadas a Congressos agrícolas e várias dezenas de artigos, quase todos sôbre trabalhos experimentais realizados pelo autor". Deixa assim, exatamente, de dar a lista dos inúmeros trabalhos originais que enriquecem a nossa literatura, querendo dêsse modo iludir a si mesmo acêrca de um valor que êle era o único a não reconhecer.

Amou a Escola. Viveu nela e por ela. Sempre presente às reuniões da Congregação, a sua palavra acatada, ouvida com respeito, muitas vezes pôs térmo a discussões que pareciam infindáveis.

Com Carlos Teixeira Mendes a nossa agricultura começou a ser brasileira. Ensinou a cultivar as nossas plantas, no nosso meio. Sondou as exigências de cada variedade e aconselhou os solos mais próprios e as adubações mais indicadas. Ensinou muito sobre o milho, muito sobre a mandioca, muito sobre a batatinha, muito sobre a cana, muito sobre o algodão, sobre a alfafa, sobre o arroz e quase tudo o que hoje sabemos sobre o café. Preparou centenas de agrônomos, muitos dos quais se especializaram em determinadas culturas e puderam ensinar alguma coisa mais. Embora outros tivessem conseguido aprofundar os conhecimentos em diversos setores da agronomia, que me conste, ninguém o precedeu no reconhecimento dos nossos maiores problemas agrícolas e ninguém se movimentou antes dele no sentido de buscar na experimentação uma solução adequada. A sua tese de concurso, datada de 1917, dá-nos uma amostra do que seria o futuro mestre. Trata do melhoramento de variedades agrícolas. Até aquela época, na nossa tradicional Escola, ninguém jamais falara em cruzamentos, em seleção, em mendelismo, em evolução. Carlos Mendes, com temeridade, na mais completa míngua de recursos bibliográficos, servindo-se de alguns bons autores da sua biblioteca particular, não teve receio de focalizar questões que hoje constituem objeto da mais séria preocupação, não somente aqui, mas em diversos outros centros de pesquisas do país. Os tópicos por ele tratados na sua tese de 1917, são bem o testemunho de uma grande visão. Foi Carlos Mendes entre nós, quem primeiro compreendeu que a evolução, estudada do ponto de vista filosófico, prepara o espírito do investigador para o perfeito entendimento dos fenômenos que regem a vida das plantas. E desde a publicação daquela tese, nunca mais as teorias de Darwin, de Lamarck, de Nägeli, de Spencer, de de Vries e de Weismann deixaram de fazer parte do curso que ministrava. Dizia que as diferentes culturas que figuravam no programa da sua cadeira constituíam o corpo e a evolução o espírito, da matéria que lecionava. Não admitindo que se pudesse tratar do corpo sem cuidar também do espírito, iniciava as suas preleções, todos os anos, pelo estudo da Evolução. E era um gosto ouvi-lo dis-

correr sôbre êsse intrincado problema, aduzindo argumentos em favor dêste ou daquele ponto de vista ou criticando esta ou aquela teoria. Era então que Carlos Mendes punha à mostra a sua imensa cultura e os recursos inesgotáveis da sua inteligência multiforme. Sentia — e não o negava, que deveria haver algo de verdadeiro no Lamarckismo. Encontrava-se, porém, na situação do advogado que está convencido da inocência do réu, mas que não encontra as provas para demonstrá-la.

Foi o Professor Carlos Teixeira Mendes o primeiro mestre de genética no Estado de S. Paulo e por conseguinte, creio poder afirmá-lo, em todo o Brasil. Embora, quando começou, pouco mais se soubesse além das leis de Mendel, compreendeu desde logo o alcance do estudo da hereditariedade e a significação dos cruzamentos para o aperfeiçoamento das plantas. Dessa genética de que foi pioneiro, soube colhêr, nos anos que se seguiram, frutos magníficos para a agricultura brasileira.

Foi pioneiro em tantos outros assuntos, que seria fastidioso enumerar. Basta dizer que foi o primeiro professor brasileiro a ensinar aos brasileiros como cultivar as terras do Brasil. No desempenho dessa gigantesca tarefa, teve antes que se fazer químico, geólogo, geneticista e economista. E o conseguiu. Apenas a sua enorme modéstia o impedia de revelar fora da cátedra a imensidade do seu saber. Só os seus alunos e os seus amigos mais íntimos gozavam do privilégio de se servirem daquela soma tão grande de conhecimentos.

Deixou Carlos Teixeira Mendes uma obra e um exemplo. A obra, foram quarenta anos de ensino e de pesquisas; o exemplo, o amor à verdade, a dedicação ao trabalho, a consagração ao estudo, a bondade e a honradez.

Deixou também um vazio profundo no coração de nossa grande mãe : a Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz", que tanto soube amar e dignificar.